

Ipuã: agronegócio e desenvolvimento

Antiga Sant'Anna dos Olhos D'Água, hoje Ipuã, que da língua Tupi Guarani significa "água que brota da terra", conseguiu sua emancipação política graças à qualidade do seu solo e à força de sua agricultura, que fortaleceram a economia local e até hoje são sinônimos de desenvolvimento. A cidade foi destaque na produção de arroz, milho, batata, leite e soja. Chegou a ser a maior produtora de soja do Estado de São Paulo e atualmente se destaca pela produção de cana-de-açúcar, de sementes de milho e carne bovina.

Os grandes empregadores desta cidade de quase 13 mil habitantes são as lavouras, uma multinacional de sementes, dois frigoríficos e as usinas das cidades vizinhas. Para incentivar novos segmentos a prefeitura ofereceu um curso de costura industrial e incentivou a criação de uma cooperativa de costureiras que hoje trabalha para diversos fabricantes nacionalmente conhecidos.

A força do agronegócio local garante uma rede bancária forte em Ipuã, além de um comércio diversificado, inclusive com lojas de rede investindo na cidade.

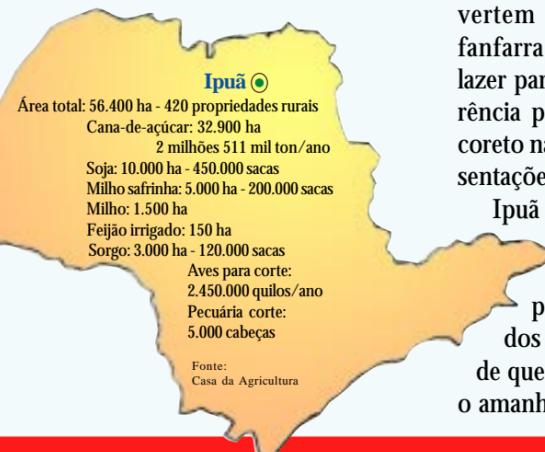
Ipuã conta com 100% de água encanada, 100% do esgoto coletado e tratado. A iluminação pública é uma realidade em toda cidade, mas o asfalto ainda não. O último bairro com ruas de terra começou a ser asfaltado no mês de maio. O trabalho deve estar concluído até o final do ano. O lixo é depositado em aterro sanitário e a reciclagem é incentivada. Uma associação de catadores recebeu do município um galpão e uma prensa para trabalhar e garantir seu próprio sustento e, ao mesmo tempo, diminuir a quantidade de "lixo" enviado ao aterro.



Avenida da Praça da Lagoa, local de encontro e lazer

Na área da saúde a cidade conta com 4 Postos, uma Unidade Básica, um Pronto Socorro, um Núcleo de Especialidade e um Hospital particular, além do Programa de Saúde da Família, focado na prevenção, que garantem aos moradores de Ipuã serviços de qualidade.

Na educação as quatro escolas de ensino fundamental (1ª a 8ª séries) usam material didático de uma rede ensino particular, que fornece apostilas diferenciadas e promove atualização constante aos professores da rede municipal. A prefeitura mantém ainda duas Creches, um Lar Escola e um Centro de Atendimento e Reabilitação para deficientes. O ensino médio conta com uma escola estadual e duas particulares. A cidade não possui ensi-



no médio profissionalizante e nem superior, por isso a administração municipal subsidia o deslocamento dos alunos até outras cidades da região.

Como existem poucas opções de lazer na cidade, a prefeitura busca proporcionar diversão aos cidadãos de todas as idades. Existem dois Centros de Lazer do Trabalhador e um

Centro de Lazer Central, com piscina, quadras poliesportivas, ginásio, campos de futebol, bocha e malha. O Parque Permanente de Exposições abriga o carnaval e a Festa do Peão que ocorre no mês de setembro, além de outras exposições. O lago da cidade é uma referência para caminhadas e pescaria. Ao menos duas vezes ao ano são depositadas duas toneladas de peixes, que divertem e alimentam.

A praça central, outro ponto de encontro, está passando por reformas. Vai ganhar um calçadão, um coreto e espaço para quiosques.

Para a terceira idade a prática de esportes é estimulada por monitores, que costumam participar de competições esportivas regionais com atuação destacada. Os mais velhos se divertem e divertem a cidade. Uma fanfarra foi criada como opção de lazer para os idosos e se tornou referência para todos. A construção do coreto na praça vai garantir mais apresentações e divertimento.

Ipuã é o retrato da cidade pacata do interior, com baixos índices de violência, uma população amigável, onde quase todos se conhecem e têm a certeza de que com trabalho e honestidade o amanhã será melhor.

FOTO PREFEITURA MUNICIPAL



A força do interior



Idealizado pela Secretaria de Relações Internacionais do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), o Seminário do Agronegócio para a Exportação (AgroEx) tem caráter informativo e objetiva incentivar o produtor e a agroindústria brasileira a acessarem o mercado internacional. No ano passado foram realizadas 5 edições, uma em cada região do país. Para este ano o planejamento envolve a realização de 10 Seminários, 4 já aconteceram nas cidades de Petrolina (PE), Vitória (ES), Curitiba (PR) e Ribeirão Preto, o único do Estado de São Paulo. A região foi escolhida por sua diversidade e capacidade produtiva.

O Seminário tem basicamente o mesmo formato em todas as suas edições. É uma oportunidade para que o MAPA apresente a situação atual das negociações internacionais e, principal-

mente, para desvendar as ferramentas já existentes de auxílio ao exportador.

Para a diretora executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, é também uma oportunidade interessante, já que é sempre o setor produtivo que vai a Brasília levar suas propostas e reivindicações. No AgroEx são os representantes do Ministério, inclusive o Secretário de Relações Internacionais do Agronegócio do MAPA, Célio Porto, que visitam as regiões e podem sentir as angústias e anseios do setor produtivo. Em Ribeirão Preto, no dia 12 de julho, houve 10 palestras com temas relacionados a linhas e programas de financiamento, ferramentas de auxílio à exportação, integração com o condomínio rural e os consórcios, sistemas de produção integrada e a valorização do produto.

A ABAG/RP, uma das apoiadoras do Seminário, foi convidada a

palestrar. O tema escolhido foi o Sistema de Gestão Territorial da Região NE do Estado de São Paulo. Mônica Bergamaschi enfatizou que no mundo globalizado é necessário estar atento aos exageros ideológicos. É importante ter respostas técnicas e cientificamente comprovadas sobre questões econômicas, sociais e ambientais para colocar nas mesas de negociações.

O Sistema de Gestão Territorial feito como "piloto" na região NE do estado de São Paulo (21% da área total do território paulista), em parceria com a Embrapa Monitoramento por Satélite, pode ser estendido para todas as regiões do país e oferecer respostas claras para questionamentos ambientais, sociais e econômicos. Permite a simulação de cenários que antecipam os impactos de políticas públicas no setor, além de fornecer um retrato do real uso e ocupação das terras.

Brasil: um só agronegócio.

Agosto, 27 e 28

WTC Hotel - São Paulo

Informações e inscrições:
 abag@abagr.org.br
 (11) 2331-2903

Procura-se mão-de-obra especializada

Desde 2000 o interior de São Paulo não vivia um momento tão positivo na geração de postos de trabalho como o que aconteceu no primeiro semestre de 2007. O álcool puxou o emprego na indústria paulista, reflexo do início da safra e da construção das novas unidades de produção dentro e fora do estado. A indústria de máquinas que trabalha diretamente para o setor sucroalcooleiro está com a produção tomada pelos próximos seis meses, pelo menos. A saída encontrada para atender à crescente demanda foi a ampliação do parque industrial e a aquisição de novos equipamentos, o que demonstra a confiança dos empresários na manutenção deste cenário positivo. Mas esta equação não é tão simples. Falta mão-de-obra especializada. Em Sertãozinho, por exemplo, de onde é possível sair com uma usina de açúcar e álcool "prontinha", nas quase 550 indústrias muitas das vagas têm sido preenchidas por trabalhadores de outras regiões, principalmente da grande São Paulo, Campinas e de São José dos Campos.

Além disso, a idade média do trabalhador das indústrias de Sertãozinho tem aumentado a cada ano. Muitos aposentados estão sendo recrutados para ocupar as vagas existentes. "Não houve renovação na década passada, reflexo da crise pela qual passou o setor sucroal-

cooleiro, e da diminuição na oferta de cursos profissionalizantes, inclusive em função da legislação brasileira que dificultou a contratação de menores aprendizes pelas indústrias", afirma Mário Garrafa, diretor do Centro das Indústrias de Sertãozinho (Ceise).

Na cidade, o Senai, Serviço Nacional da Indústria, e a Escola Federal oferecem anualmente cerca de 500 vagas em cursos profissionalizantes, para um mercado que só no primeiro semestre de 2007 contratou quase 10.000 pessoas.

É um sintoma nacional: apesar do enorme contingente de desempregados sobram vagas no mercado de trabalho por falta de qualificação do trabalhador. Segundo o Sistema Nacional de Emprego (Sine), 877 mil vagas deixaram de ser preenchidas por este motivo no ano de 2006.

Em Sertãozinho a possível solução está na chamada "Escola de Fábrica". Um levantamento está sendo finalizado pelo Ceise para identificar a demanda das indústrias, para saber em quais áreas existe o maior déficit de profissionais.

Com este levantamento em mãos e em parceria com a prefeitura local, a Secretaria do Trabalho, algumas indústrias e com apoio pedagógico do Senai e da Escola Federal, serão montados cursos cuja parte prática acontecerá dentro das próprias indústrias, formando um pro-

fissional familiarizado com maquinário e, ao mesmo tempo, evitando o investimento em equipamentos, que venham a ficar obsoletos ou subutilizados. A ideia é estar com estes cursos em andamento até o final de agosto.

Em Ribeirão Preto, pela proximidade de diversas usinas de açúcar e álcool da região, cresceu o interesse por uma qualificação técnica. Mais de 300 jovens ficaram na fila por dois dias, em frente ao Senai, para garantir uma das 150 vagas oferecidas. A maioria acreditando que com o diploma em mãos o emprego estará garantido.

Algumas empresas deixaram de esperar a formação desses profissionais e estão, elas mesmas, oferecendo a qualificação.

Na TGM Turbinas e Transmissões, de Sertãozinho, foi montado o Programa de Iniciação Profissional, PIP, com real possibilidade de inserção dos participantes no mercado de trabalho. A primeira turma, com 32 jovens, iniciou as aulas no último mês de junho. São 20 horas de aulas semanais voltadas para as Áreas de Projetos: desenhista; Área de Produção: operador de máquinas, usinagem, montagem e ajustagem; e Área de Suporte para Produção: planejamento e controle, métodos e processos, controle de qualidade e manutenção. Durante 18 meses estes alunos, inclusos no pro-

grama Jovem Cidadão, vão estudar, estagiar e receber uma ajuda de custo mensal de cerca de R\$ 300,00. No final do curso todos serão contratados pela empresa e, como estão bem qualificados, receberão salário inicial maior do que o piso da categoria.

Para Humberto Rocha, gerente de recursos humanos da TGM, esta é uma iniciativa que além de socialmente correta, pois prioriza jovens em busca do primeiro emprego, beneficiando a comunidade, é também importante para a empresa que terá o profissional com o exato perfil que necessita.

As novas usinas produtoras de açúcar e álcool que estão sendo implantadas em regiões sem tradição no setor também estão tendo dificuldades para contratar mão-de-obra.

A Usina Lins, já em funcionamento, contratou cerca de 950 funcionários e resolveu a questão da falta de qualificação treinando-os em sua matriz, a Usina Batatais. Nestas novas áreas a taxa de mecanização tanto do plantio quanto da colheita da cana-de-açúcar é praticamente de 100%. O operador de colhedora, por exemplo, é responsável por conduzir um equipamento que custa em média R\$ 800 mil e precisa estar bem preparado para desempenhar sua função. Da mesma maneira os funcionários que cuidam da manutenção das máquinas não são aqueles "mecânicos à moda antiga", agora eles lidam com ajustes finos, de maior precisão, com circuitos integrados e controle computadorizado.

O Grupo Pedra Agroindustrial S/A, que possui três usinas na região de Ribeirão Preto, está montando uma quarta unidade na região de Araçatuba, a Usina Ipê, que deve moer sua primeira safra em 2008. Desde 2006 a mão-de-obra local está sendo qualificada, tanto para o trabalho no campo quanto na indústria. 300 pessoas já foram contratadas. Apenas um recrutamento envolveu 1.400 candidatos, dos quais 90 foram escolhidos. Dois cursos técnicos, um em química e outro em mecânica, com duração de 18 meses cada, estão sendo ministrados dentro da sede do Grupo, em Serrana. Uma universidade e a Funda-



Aula de informática para alunos do PIP, formação integral é o objetivo

ção Paula Souza foram contratadas para fazer esta formação. Durante o dia os estudantes estagiam na usina e à noite estudam. Eles estão há quase 500 quilômetros de distância de suas casas, mas não reclamam. Em suas cidades não conseguiriam este tipo de formação.

Qualificar o jovem é garantir um futuro mais promissor. Foi pensando assim que há 15 anos, em 1992, a prefeitura da cidade de Luiz Antonio resolveu investir na criação de uma escola profissionalizante municipal e criou a Escola de Química, de olho no mercado de trabalho das usinas do entorno e da indústria de papel e celulose da cidade. Já foram formadas pela instituição, que tem reconhecimento do MEC, 17 turmas. Alunos da cidade e da região precisam estar cursando o ensino médio ou já tê-lo concluído para poder fazer o curso. Neste ano de 2007, de olho na expansão do setor sucroalcooleiro, foi criada uma especialização: "Açúcar e Álcool". São mais 6 meses de sala de aula e 50 horas de estágio em uma usina próxima. Mas só pode fazer o curso quem já concluiu o curso técnico em Química.

Dr. Izaias Leão de Souza, que era prefeito em 1993, e fez na época todo o investimento necessário para que a escola funcionasse e fosse reconhecida pelo Conselho Regional de Química (CRQ), está novamente no cargo com a certeza

de ter acertado no passado. Neste ano incentivou o novo curso e está buscando, junto ao CRQ, o selo de qualidade para a Escola. A fórmula básica foi utilizar no período noturno as instalações de uma escola de ensino fundamental, contratar professores comprometidos com o projeto, 8 no total, construir e manter com qualidade os laboratórios para as aulas práticas e acreditar no potencial dos jovens.

A Escola de Química de Luis Antonio abre semestralmente suas portas para novos alunos, e neste meio de ano recebeu o dobro de matrículas: cem alunos se inscreveram para o curso. São jovens da cidade e da região. Serão três novas turmas que daqui a 18 meses estarão qualificadas para entrar no mercado de trabalho do setor sucroalcooleiro, de papel e celulose ou da indústria de alimentos. Um investimento que não é barato, mas não impossível, qualifica o prefeito Izaias. "Oferecer ensino técnico gratuito de qualidade significa mais que um retorno econômico, a médio prazo, para a cidade. Significa ver o jovem acreditar que ele pode sonhar, que ele é, sim, capaz de ter uma profissão que o diferencie no mercado de trabalho e que abra portas que ele nunca imaginou que ultrapassaria", completa o prefeito, justificando todo o esforço municipal na área da educação profissionalizante.



Alunos do Programa de Iniciação Profissional (PIP) da TGM em aula sobre tecnologia mecânica